

PRISTA, Luís e ALBINO, Cristina. *Filólogos Portugueses entre 1868 e 1943*. Lisboa, Colibri (Associação Portuguesa de Lingüística), 1996, 185 p.

Ao ensejo do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística, realizado na Faculdade de Letras de Lisboa, em 1995, tiveram os organizadores a feliz idéia de promover exposição pela qual, principalmente aos alunos universitários e professores mais jovens, eram lembradas "as primeiras gerações de lingüistas portugueses, aliás ainda filólogos" (p. XI). O marco temporal 1868 explica-se por ser nesse ano que Francisco Adolfo Coelho estreava no mundo da disciplina – e introduzia em Portugal (e no Brasil) os novos métodos inaugurados na Romanística por Frederico Diez – com a publicação do seu livro, incompleto; *A Língua Portuguesa*. E o termo *ad quem* 1943 assinala o final da primeira fase da *Revista Lusitana* (Leite de Vasconcelos, seu único diretor, falecia em 1941), cuja existência acompanha o desenvolvimento e progresso dessa fase inicial gloriosa dos estudos científicos da língua portuguesa. Foi realmente um período de intensíssima produção, não limitada ao campo restrito da filologia, pois se espalhou aos domínios da literatura, da etnografia, do folclore, da pedagogia e da didática, seguindo as pegadas de uma fértil renovação dos estudos clássicos, iniciada um pouco antes de 1868 e intensificada concomitantemente a essa nova fase da filologia portuguesa, graças ao saber de um jovem talentoso e amante da renovação chamado Augusto Epifânio da Silva Dias. Foi a época de José Leite de Vasconcelos, Gonçalves Viana, Júlio Moreira, José Joaquim Nunes, José Maria Rodrigues, Vasconcelos de Abreu, Teófilo Braga, não faltando alguns não menos enfronhados no rigor da ciência, mas que prestaram, junto ao público menos especialista, relevante serviço em prol da vernaculidade, como foi o caso de Cândido de Figueiredo.

Naturalmente, junto a essa plêiade de portugueses, marchava outra plêiade de estrangeiros (Henry Lang, Jules Cornu, H. Schuchardt, Oscar Nobiling, Adolfo Mussafia, entre outros) e brasileiros (Júlio Ribeiro, João Ribeiro, Pacheco da Silva Júnior, Lameira de Andrade, M. Said Ali, entre outros) que a Exposição não contemplou por limitar-se ao mundo português, o que não significa tê-los deixado sem uma referência. Cabe a nós promover trabalho semelhante para mostrarmos o quanto concomitante se fazia no Brasil, por essa mesma época. A pouco e pouco já se vai fazendo alguma coisa, como a resenha pioneira de Maximino Maciel na *Gramática Descritiva*; os levantamentos históricos de Antenor Nascentes e Sílvio Elia; as breves mas substanciosas análises de Mattoso Câmara sobre M. Said Ali. João Ribeiro e Antenor Nascentes; os trabalhos de Evanildo Bechara sobre Said Ali, de Carlos Eduardo F. Uchôa sobre Mattoso Câmara, de Jayr Calhau

sobre Clóvis Monteiro, de Maximiano de Carvalho e Silva sobre Sousa da Silveira, de Horácio Rolim sobre Olmar Guterres da Silveira, de José Alves Fernandes sobre Martinz de Aguiar, de Hilma Ranauro sobre João Ribeiro e Sílvio Elia, para ficar apenas nos estudos de que temos notícia mais inteira. O recentíssimo Grupo de Trabalho de Historiografia da Lingüística Brasileira da ANPOLL já dá seus primeiros promissores passos neste sentido.

Naturalmente num domínio onde, em Portugal e no Brasil, se escasseavam até pouquíssimo tempo documentos históricos dessa natureza e até levantamentos bibliográficos, abalançar-se a uma empresa que englobe num período tão longo quanto afastado, é tarefa sempre lacunosa, apesar do trabalho verdadeiramente hercúleo desenvolvido pelos patrocinadores da Exposição e, com especial atenção, de Luís Prista e Cristina Albino na elaboração como livro da riqueza biobibliográfica e iconográfica do evento. A título de modesta colaboração em empresa que me é cara, ousou apresentar alguns comentários que, se proveitosos, poderão aparecer na 2ª edição, que o livro merece.

Afirmar-se, por exemplo, à p. 39 que os *Subsídios* de A. A. Cortesão tiveram "em vista completar o dicionário de Cândido de Figueiredo" não reflete bem a intenção do autor, que traz subsídios "para um dicionário completo da língua portuguesa", e, para tanto apenas toma "por base ou ponto de partida o *Novo Dicionário* do Sr. Cândido de Figueiredo" p.VI).

Na p. 22, alude à saída o 1º volume (*A Língua Portuguesa. Noções de Glotologia Geral e Especial Portuguesa do Curso de Literatura Nacional* para uso dos liceus centrais) e data-o corretamente de 1881; todavia parece ter dúvida em relação ao 2º volume intitulado *Noções de Literatura Antiga e Medieval*, datando-o com (!) do mesmo ano, naturalmente porque no longo prefácio Adolfo Coelho termina com "Lisboa, 30 de setembro de 1881". Mas o próprio autor, em *O Ensino da Língua Portuguesa nos Liceus* (Porto, 1895, p.30) o declara de 1882, e aí mesmo explica por que razão não redigiu o terceiro volume projetado do *Curso, Noções de Literatura Portuguesa*: "Longos anos tinham-nos preparado para escrevermos o terceiro volume do nosso *Curso*; mas depois de escritos vários capítulos, hesitamos na publicação por duas razões: a primeira, a mais forte, porque se foi tornando cada vez mais intensa em nós a convicção de que a história literária propriamente dita não tem lugar legítimo no quadro dos estudos liceais, e a segunda, porque ainda quando nos resolvêssemos à publicação para pôr nas mãos dos adolescentes um livro que valesse mais que as miseráveis compilações por onde os faziam estudar a história literária, enquanto esta figurasse nos programas oficiais, nos sucederia o mesmo que se derá com os dois primeiros

volumes do *Curso*: viria um compendiador, aproveitar-se-ia do nosso trabalho, deturpando todavia o que lhe ministrávamos e o seu arranjo teria a preferência no ensino, ainda que os nossos livros fossem também aprovados" (p. 31-32). Caberia, ainda, assinalar que, além da 2ª ed. citada, houve uma terceira e última do 1º volume, Porto, 1896.

Por referir ao opúsculo *O Ensino da Língua Portuguesa nos Liceus*, dizem os autores de *Filólogos Portugueses*, p. 34, que o livro "pretende auxiliar a operacionalização da reforma" da instrução secundária, preparada por Jaime Moniz, entre 1894 - 1895. Em se tratando de um especialista em pedagogia, como era Adolfo Coelho, ficaria frustrado o leitor que se servisse do livro como auxiliar da operacionalização da reforma. O que A.C. pretendeu, e o disse claramente, foi fazer "algumas reflexões sobre o modo e os livros por que se ensina a língua portuguesa nos liceus" (Prefácio). E não podia nele operacionalizar a reforma, porque, pelas suas palavras textuais: "Trata-se agora de nova reforma, acerca da qual temos já dois decretos, que por enquanto não nos permitem fazer dela cabal idéia, porque faltam os respectivos planos e programas, esperados com o maior interesse. O notável relatório que precede o decreto de 27 de dezembro de 1894 leva a esperar que desta vez a organização dos planos e programas se atenda à boa sucessão de cada parte das disciplinas que os hão de compor, à sua correlacionação, de modo que formem um conjunto dirigido em movimento harmônico ao fim que a didática determina a esses estudos; e que, em especial, se dêem normas claras, precisas e profíguas para um dos ramos do ensino liceal, dos mais importantes, mas até hoje dos mais descuidados e improfíguos, – a língua nacional" (Prefácio). Mais valeria sobre essa Reforma fazer alusão aos sete artigos publicados no jornal *As Novidades*, entre agosto e novembro de 1895, sob o título *A Reforma da Instrução Secundária*, assinados por A.D., mas pertencentes a Adolfo Coelho, segundo o testemunho de Rúben Landa citado por Rogério Fernandes no livro adiante referido.

Já que falamos de críticas a reformas do ensino, parece que os autores de *Filólogos Portugueses* fundiram num só título dois trabalhos de Epifânio Dias; um, editado em 1894, que leva o título *Considerações sobre a Última Proposta de Lei de Instrução Secundária* (Lisboa, Livraria Ferreira), aliás citado nas p. 34 e 177); outro, editado em 1897 e com título *Considerações sobre o Regulamento e os Programas de Ensino Secundário e o Modo como os Têm Executado*, não citado no livro.

Na página 25, relativamente a 1885, cita-se como de autoria de Adolfo Coelho a *Antologia de Poetas e Prosadores e Curso Prático ou Gramática Intuitiva da Língua Portuguesa*, saída pela Imprensa da Universidade de Coimbra. Na realidade, o livro vem com a indicação A. Coelho, mas não se

trata de Adolfo Coelho, e sim de Albino Coelho, professor liceal, conforme foi identificado por A.M. Seabra d'Albuquerque (*Bibliografia da Imprensa da Universidade de Coimbra*) e citado por Rogério Fernandes no rico Esboço bibliográfico da prestante coleção de artigos do nosso notável lingüista *Para a História da Instrução Popular* (Lisboa, Inst. Gulbenkian de Ciência, 1973, p. 218 n.1).

Na página 43, assinala-se o aparecimento da 6ª edição da *Nova Gramática Portuguesa* de Antônio Augusto Cortesão, versão melhorada da *Gramática* de Bento José de Oliveira, seu padrinho, e registra-se como livro de nº 79, indicação que não aparece na p. 179.

Neste largo panorama de vida e obras dos filólogos portugueses, os autores enriquecem a edição com retratos, e alguns deles acompanhados de singularidades, traços idiossincráticos "que foram lembrados por amigos e discípulos que com eles conviveram."

Um trabalho com tão abundante número de personalidades requer um índice final de autores para facilitar a consulta do leitor. No mais, só nos resta felicitar a Associação Portuguesa de Lingüística pela feliz idéia, aplaudir o apoio editorial da Colibri e agradecer aos autores pela obra meritória.

Evanildo Bechara
